

O ESTADÃO



O JORNAL
DO
NOVO
ESTADO

PORTO VELHO, TERÇA-FEIRA, 19 DE ABRIL DE 1983

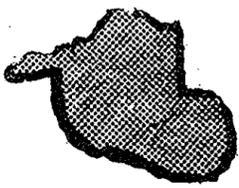
DIRETOR PRESIDENTE — MÁRIO CALIXTO FILHO

ANO III — No. 683 — CAPITAL Cr\$ 70,00 — INTERIOR Cr\$ 80,00

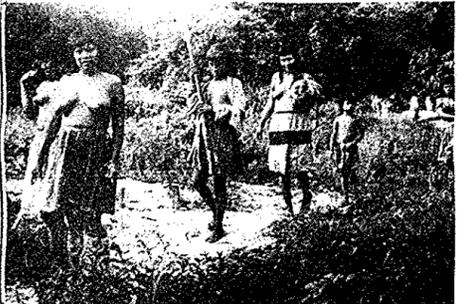
Críticas à Funai no dia (triste) do índio

PORTO VELHO — Retomando o tema da semana do índio "Terra sim, Violência Não", o padre Mansueto Dal Maso, em seu sermão dominical, às 18h30min., na missa da juventude, criticou a posição assumida pela Funai (Fundação Nacional do Índio), que "apesar de ter recebido milhões de cruzeiros do Banco Mundial, quase nada tem feito pelos povos indígenas da região", observou o celebrante. Durante o ato penitencial, um grupo de jovens da Pastoral da Juventude reconstruíram a história de 4 povos indígenas da região, constatando-se o extermínio. (Pág. 4).





Funai não fez quase nada pelos índios Nambiquaras (Dal Maso)



PORTO VELHO - Em seu sermão dominical, na missa das 18h 30min., o padre Mansueto Dal Maso, reafirmou duras críticas à Fundação Nacional do Índio - Funai, "que quase nada teria feito, nos últimos 20 anos, em favor dos índios Nambiquaras", que sofrem processo de extermínio.

Segundo o coordenador do Conselho Indigenista Missionário, "a preocupação do Cimi diz respeito à de-

moira não demarcação das áreas indígenas. Essas áreas só não estão sendo demarcadas, como também não está sendo tomada nenhuma providência para salvar o índio do avanço e da ocupação da Amazônia por esse capitalismo selvagem", sublinhou o religioso.

Evocando fatos políticos-administrativos, Mansueto Dal Maso, destacou que no início deste ano, o presidente da Funai, Paulo Moreira Leal, pediu Cr\$ 1

bilhão, para a demarcação das áreas indígenas prioritárias. "Essa verba foi reduzida para Cr\$ 300 milhões. Agora, foi novamente reduzida para Cr\$ 35 milhões. Isto significa que os povos indígenas do Brasil (que nada tem a ver com a crise econômica que afeta o país) terão que pagar também a dívida externa", observou Dal Maso.

De acordo com o coordenador do Cimi, em Rondônia, o Banco Mundial - que financiou parte da pavimentação da BR-364, exigiu do governo brasileiro e da Funai, um atendimento todo especial para com os índios que habitam as margens dessa rodovia, sobretudo os Nambiquaras.

O plano elaborado pela Funai, segundo Dal Maso, era de 5 anos (de 1980 a 85), e que o órgão indigenista se comprometeria a implantar postos de saúde, contratar funcio-

nários para atender a esses índios. "Agora, dois anos e 4 meses se passaram, a quase nada foi feito", assinalou o padre, acrescentando que, "agora a Funai alega falta de recursos para realizar o programa elaborado".

Povos indígenas, um retrospecto histórico

PORTOVELHO - O ato penitencial da "Missa da Juventude" realizada domingo, versou sobre a história dos povos indígenas da região, como Nambiquara, Suruí, Cinta Larga, Pacáas-Novos e outros.

É um povo semi-nômade que, tradicionalmente, vive nas matas entre os rios Jiparáá, Branco e Roosevelt, no sudeste de Rondônia. "Esses índios foram contatados para permitir às grandes empresas a ocupação e espoliação da área".

via, contavam com uma população de 6.000 indivíduos. A chamada "pacificação" se deu em 1961, e de lá para cá esse povo foi reduzido a umas mil pessoas.

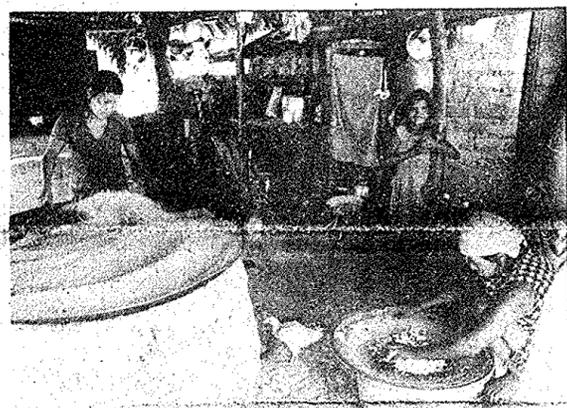
NAMBIQUARA
Considerado pelos pesquisadores um povo "essencialmente igualitário", onde quem lidera é "sempre o mais hábil e quem partilha mais" e cujo sistema político garante "a todos os homens acesso igual ao poder e às riquezas", os índios Nambiquaras - tradicionais habitantes do vale do Guaporé - nos últimos 70 anos têm vivido "uma trajetória de miséria e de morte".

CINTA LARGA
Por outro lado, os grupos indígenas Cinta Larga habitam o noroeste do Mato Grosso e parte de Rondônia. Traia-se de um grupo em expansão, e que reagiram à invasão desenvolvendo uma guerra prolongada em diversas frentes.

OUTROS
No ato penitencial, como se observa, se teve a oportunidade de reconstruir "a sangrenta história de alguns dos vários povos indígenas da nossa região. Esses povos, embora dizimados e desrespeitados em seu próprio modo de ser e viver, continuam resistindo e desafiando a nossa consciência de cristãos civilizados. Os Kaxarari, Karitianas, Makurap, Gavião, Arara, os Zoró, Tubarão, Uru-Eu-Wau-Wau e outros. Queremos que todos os povos indígenas estejam presentes não só em nossa celebração, mas também na nossa vida e no nosso compromisso", frisou o celebrante.

SURUI
Assim como os Nambiquaras, os Suruí também sofrem problemas de extermínio.

PACÁAS-NOVOS
Antes do contato com a nossa civilização, os índios Pacáas-Novos, antigos moradores do vale do Guaporé, entre os municípios de Guajará Mirim e Costa Marques, na fronteira com a Bolí-



"Terra sim, violência não"; As defesas da Igreja...

PORTO VELHO - Entre os índios Parecís do Mato Grosso existe uma tradição enraizada na alma do povo que muito tem a nos oferecer. Quando uma mulher tem que dar a luz, ela fica bem no meio do pátio da aldeia e o povo todo se posta ao redor dela. Todos participam da alegria por mais uma vida. Vida é festa e é a vida que deve ocupar o lugar central da sociedade do índio. Cabe uma pergunta: Será que a nossa sociedade que se diz "civilizada" se preocupa tanto com a vida e a vida do povo? Será que no nosso mundo a vida ocupa o mesmo lugar central?"

convencionada "Missa da Juventude", onde jovens e adultos comemoram do mesmo ideal: fraternidade sim, violência não.

A missa tinha um caráter todo especial. Celebrar o dia do índio "é um dever da Igreja". Dal Maso abordou três tópicos que considerou importante, para aquela missa: vida, terra e espaço na nossa sociedade.

tem siquer aonde se abrigar? Não seria muita terra para poucas pessoas, assinalou o celebrante em seu sermão domingo.

A Catedral de Porto Velho ficou pequena para abrigar "tanta gente, na missa pelo índio". E, a atenção dos fiéis esteve o tempo todo voltada para o sermão do padre Mansueto Dal Maso, que ao final de sua alocução sobre o dia do índio, disse: "As pessoas que se dizem ter feito uma opção de vida cristã, saibam que o Cristo vive hoje no povo e é através do povo que nos interpela. Não tenhamos medo de sujar a mão, de perder os privilégios que, queiramos ou não, nos colocam acima do povo. Nesses dias, tive a impressão de que falar do índio, contar a história, fosse uma ação inconsciente de um bando de subversivos...". enfatizou o celebrante.

